

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE – FACHS
FACULDADE DE PSICOLOGIA

MANUELLA MANTOVAN JULIANI

**ENTRE O SONHO E A VIVÊNCIA: O PRECONCEITO INSTALADO NA
COMUNIDADE BOLIVIANA RESIDENTE NA CIDADE DE SÃO PAULO**

SÃO PAULO
2015

Manuella Mantovan Juliani

**ENTRE O SONHO E A VIVÊNCIA: O PRECONCEITO INSTALADO NA
COMUNIDADE BOLIVIANA RESIDENTE NA CIDADE DE SÃO PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Psicologia, da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo como requisito
para a obtenção de nota da disciplina
TCC II, sob a orientação da Profª Drª
Cecília Pescatore Alves.

**São Paulo
2015**

AGRADECIMENTOS

Um processo tão gratificante e, em certo grau, custoso não surgem sem colaborações específicas. Aqui são elas.

Agradeço a D'us e à N. Sra. De Guadalupe pela oportunidade de me conceder vida para trabalhar com um tema tão precioso e, através dele, conquistar minha tão esperada graduação.

Agradeço à papai e mamãe, que sempre muito atenciosos, me proporcionam um carinho que eu jamais conseguiria expressar em palavras. À minha querida irmã Fernanda, por estar do meu lado em qualquer ocasião e por me amar da forma mais pura que um ser humano já foi capaz. Também agradeço aos meus familiares que, perto ou longe, presentes ou em memória transmitem conhecimento, vivência e amor. Eu me constituo com a ajuda de cada um de vocês.

Diferente destes, cito agora aqueles que me acompanham sem ter laços sanguíneos estabelecidos.

À comunidade boliviana e imigrante em geral na cidade de São Paulo, por tamanha acolhida. À toda equipe da Missão Paz, que, incessantemente, impulsionaram este trabalho (e sua autora)

À minha querida amiga Paula, por entender minha ausência e por acatar todas as minhas exigências durante esse período tão árduo que foi a graduação.

À Gabriela, Lais, Camila e Paula que escutaram e acolheram todas as minhas angústias e idéias.

À Luiza, Cecília, Ana Cláudia e Elisa, que são verdadeiras companheiras de militância e vida, vocês são exemplos a serem seguidos. Cada vitória e questionamento apresentado por vocês, me sinto também representada. Muito obrigada pela força, amor e revisão deste TCC.

À Luiza e Natália, que mesmo com a distância se mostraram genuinamente presentes e implicadas com este trabalho.

Meu agradecimento especial à orientadora e amiga Cecília Pescatore Alves, por aulas que exprimiram tão grande conhecimento acadêmico e de vida. Um agradecimento especial à Prof^a Dr^a Fúlvia Rosemberg (*in memoriam*) e à Angela Cruz, que, em pouco tempo, transmitiram a importância do amor pela pesquisa.

*Para minha querida avó, que mesmo não
estando entre nós, se faz presente em amor.*

*“Soy... soy lo que dejaron
Soy toda la sobra de lo que se robaron
Un pueblo escondido en la cima
Mi piel es de cuero, por eso aguanta cualquier clima
Soy una fábrica de humo
Mano de obra campesina para tu consumo
frente de frío en el medio del verano
El amor en los tiempos del cólera, mi hermano!”*

Calle 13

RESUMO

A preocupação com o estudo do fenômeno do preconceito e suas vertentes é uma problemática relevante desde os tempos da imigração europeia para a América. Em um contexto atual, há uma demanda da população que sofre opressão por uma minoria que tira proveito da desigualdade econômica, social e cultural que existe. Os imigrantes vindos da Bolívia são frequentemente encontrados em situações degradantes e muitas vezes estão ligados aos trabalhos análogos à escravidão. É uma população que sofre, todos os dias, com o desrespeito e intolerância dos paulistanos, que sentem-se superiores à esta comunidade. O objetivo deste trabalho é ressaltar as situações em que o preconceito foi associado à população imigrante boliviana e atentar para a reflexão destes fatos, esperando que haja uma problematização do preconceito e da tolerância dirigidos a essa população.

Palavras-chaves: bolivianos, preconceito, São Paulo, imigração, Bolívia, Brasil.

SUMÁRIO

1	Introdução: Uma visão para a cultura andina no Brasil.....	1
2	Objetivos gerais e específicos.....	6
3	Metodologia.....	7
4	Teoria Crítica da Sociedade.....	9
5	O movimento migratório no Brasil.....	14
6	O Preconceito.....	16
7	Bolívia em São Paulo: A cultura andina e suas manifestações.....	23
8	Discussão e Análise.....	28
9	Considerações finais.....	32
10	Referências Bibliográficas.....	33

1 Introdução: Uma visão para a cultura andina no Brasil

Pesquisar sobre um tema tão complexo e central quanto o preconceito é incrivelmente desafiador, não apenas para o pesquisador, mas também para o leitor que se vê frente à uma questão intrinsecamente ligada à sua realidade.

Não é difícil encontrar relatos e notícias que relacionam imigrantes bolivianos ao trabalho em condição análoga à escravidão em todo o Brasil. Mas frequentemente esses relatos trazem como matriz a cidade de São Paulo.

A migração sempre foi um movimento que relaciona a mudança com a melhoria na qualidade de vida. O objetivo do migrante é obter uma condição de vida e trabalho melhor do que a que existe em sua terra natal. Muitos migrantes pretendem conquistar o sucesso econômico para, então, retornar ao lugar de saída. Esse imaginário do destino do migrante é, muitas vezes veiculada pela mídia ou pelos próprios conterrâneos, que, mesmo sem conhecer a realidade do destino, compartilham da esperança de que há um local que propicia melhores condições para aqueles que chegam. (SILVA, 2006)

Migraram para o Brasil, cinco grandes contingentes de característica rural e urbana. Segundo Pereira (2000), a imigração italiana, alemã e japonesa chega ao Brasil com o contexto da agricultura, cada qual com suas especificidades, porém seguindo um fluxo de fixação em regiões rurais brasileiras para oferecer mão-de-obra camponesa e, em seguida, fixam-se nos contextos urbanos. Já a imigração sírio-libanesa e judaica, vêm para o país e se estabelecem em grandes metrópoles e sociedades urbanas.

A imagem do Brasil veiculada pelas grandes mídias, tanto impressa, como de audiovisual, é associada à uma terra exótica, onde há alegria, futebol, samba e comidas que fazem desta terra um lugar para se chamar de lar. Desde os tempos da colonização, o país era visto como o *El Dorado* e, séculos depois milhares de imigrantes vindos da Europa se mudaram para o país das “oportunidades”. (SILVA, 2006)

Hoje em dia, o processo é o contrário. Brasileiros descendentes de europeus lutam e tentam, todos os dias, retornar ao país de origem de suas

famílias, muitas vezes, esperando anos por uma cidadania que garanta a noção de pertencimento para o imigrante.

Segundo Verenhitch (2007) e Silva (2006), a ideia de que existe uma ampla variedade de oportunidades para se conquistar melhores condições sociais e econômicas oferecidas pelo Brasil, não é mais “acatada/comprada” pelos europeus e nem pelos próprios brasileiros, mas para outras sociedades, como a boliviana, e mais contemporaneamente para a haitiana, aqui continua sendo a terra que pode lhes proporcionar sucesso econômico e melhoria na qualidade de vida daqueles que vêm e de suas famílias que ficaram.

Por vezes, a fantasia de que o Brasil irá proporcionar melhores condições econômicas e sociais não é realizada. Milhares de bolivianos, são, diariamente, alvos de empresas, em sua maioria têxtil, que procuram especificadamente mão-de-obra desinformada e desprotegia pela lei, pois sem a documentação necessária para que sua residência no Brasil seja garantida, muitos bolivianos se submetem a trabalhos análogos à escravidão, pensando que será uma “oportunidade” para garantir sua estadia na “terra prometida”.

A política econômica boliviana está baseada em um movimento pró-socialismo, visando a equidade e igualdade entre classes sociais. (SILVA, 2006) O conceito neoliberal de sucesso econômico já está no imaginário social de qualquer pessoa, pois, em um mundo como o de hoje, é impossível pensar em uma alternativa de sociedade que não seja a baseada no capitalismo. O neoliberalismo, por sua vez, trata-se de um ataque contra qualquer imposição dos mecanismos de mercado por parte do Estado, colocando-as como uma ameaça letal à liberdade, não somente econômica, mas também política. Esse sistema, apesar de mostrar boas intenções de liberdades, acaba por criar sociedades com extremas desigualdades e, paradoxalmente ao que propõe, uma servidão moderna e voluntária.

A imigração de membros da comunidade boliviana, e de qualquer outro tipo de imigração, talvez esteja pautada no conceito de meritocracia proporcionada pelos ideais capitalistas. Este conceito deve ser constantemente problematizado, já que as pessoas não têm as mesmas condições de vida e oportunidades. Existem melhores condições de educação, trabalho e

oportunidades para as classes privilegiadas e, para o princípio de direita neoliberal, é necessário que haja uma diferença entre classes.

A mídia, muitas vezes representante de um modelo de direita, faz com que o conceito de meritocracia seja expandido pelo mundo. As imigrações acabam sendo influenciadas por esse modo de pensar, alterando assim, as vidas e os hábitos dos imigrantes para pertencer a um local que pode trazer mais desigualdade e discriminação.

Encontrar e compreender a questão da imigração de bolivianos que residem em São Paulo e se, há nela, uma maneira de expressão do preconceito por parte dos brasileiros para com a comunidade boliviana é o modo de justificar essa pesquisa. Segundo o dicionário Aurélio (2015), a palavra “preconceito” é significado de opinião ou sentimento desfavorável, concebido antecipadamente ou independente de experiência ou razão.

O preconceito, segundo Crochik (1997), nasce de um processo de socialização da cultura. Com certeza outros aspectos devem ser somados a isto, porém, de acordo com a cultura em que o indivíduo nasce, este internaliza um sentimento desfavorável sobre o diferente. Quando um indivíduo faz parte de uma determinada cultura, ele tem uma função de adaptação ao meio e faz isso através do preconceito e mediante uma aversão ao que não faz parte do ambiente em que vive. Quando o processo de individualização não se concretiza, o indivíduo acaba sendo um reprodutor da sociedade, sem fazer qualquer crítica à ela. Sendo assim, a sociedade continua se construindo em uma base preconceituosa e sem qualquer visão crítica dela própria.

Dito isso, é necessário expor que, segundo Crochik (1997), o preconceito pode ser vivido de duas formas, a primeira se caracteriza em uma cordialidade hipócrita daquilo que o diferente representa assim demonstra um desprezo à tudo que não faz parte do que um determinado grupo compactua. Para exemplificar estas duas vivencias, podemos usar o exemplo da caridade para com o excluído, como forma de amenizar a culpa vivida pela aversão ao outro. A segunda forma que o preconceito pode se apresentar é através da violência como modo de expor o ódio ao outro, sendo que não há qualquer crítica ou

reflexão para este sentimento que se concretiza em ato. Crochik (1997) afirma que,

mais do que as diferenças individuais, o que leva o indivíduo a desenvolver preconceitos, ou não, é a possibilidade de ter experiências e refletir sobre si mesmo e sobre os outros nas relações sociais, facilitadas ou dificultadas pelas diversas instâncias sociais, presentes no processo de socialização. A qualidade da ação destas instâncias – família, escola, meios de comunicação de massa – se refere a como elas tratam com o tateios infantis e as fantasias a eles associadas no conhecimento do mundo (p. 21).

A partir desse pressuposto teórico, este projeto problematiza uma das expressões do preconceito: a xenofobia - expressada por toda e qualquer discriminação aos imigrantes, vindos de outros países ou de outras regiões de um mesmo país. Só a reflexão pode transformar e viabilizar formas de enfrentamento a um modo enraizado e superficial do discurso preconceituoso, mais especificamente o xenofóbico.

Eerola (2005) afirma que, xenofobia é a aversão às pessoas, cultura, ou outros conteúdos que vêm de fora. Pode ser expressada pela violência, desconfiança ou qualquer comentário ou sugestão que mostre uma superioridade em relação à cultura de fora. É importante explicitar que a xenofobia não é aplicada só para estrangeiros, mas para qualquer divisão ou região. Para a autora,

este é um mecanismo de auto-defesa diante do novo, desconhecido e estranho, que pode representar uma espécie de ameaça potencial direta ou indireta, através do choque, provocação ou questionamento de atitudes e condutas pré-estabelecidas. Esta “ameaça” aparente é neutralizada através da desconstrução, reduzindo o seu valor a algo menos ameaçador, mas pejorativa. Este é mapeado à uma categoria conhecida, segura, porém, com conotação negativa. A auto-identidade é assim reforçada por não pertencer à esta categoria. É o “Outro”, não Eu!” (EEROLA, 2005, p. 7).

Diante do estudo e levantamento dos temas e teorias enumerados acima, o presente trabalho parte da pergunta: “Há preconceito, apresentado em seu desenrolar xenofóbico, no olhar do paulistano para com imigrante boliviano residente na cidade de São

Paulo?”. Tendo em vista esse questionamento, o trabalho se propõe a analisar e compreender, através de levantamentos bibliográficos como se dá a relação do paulistano com o imigrante boliviano que divide o mesmo espaço, cultura e que faz parte da sociedade.

2 Objetivos gerais e específicos

O objetivo geral da pesquisa é encontrar, através de artigos e pesquisas e dos sujeitos entrevistados e observados nestas pesquisas, preconceito por parte do paulistano para com o migrante boliviano residente na cidade de São Paulo.

Como objetivos específicos, a pesquisa procura abordar temas que justifiquem o objetivo geral apresentado acima. Para isso, há a preocupação de identificar características específicas do migrante boliviano que contextualizam seu modo de viver, tais como religião, lazer, hábitos de alimentação, higiene, rituais, vestimenta, entre outras.

Em seguida, haverá a identificação das peculiaridades no que se refere à situação socioeconômica de seu país de origem, a Bolívia.

Após a caracterização e identificação dos modos de viver do migrante boliviano em São Paulo, identificaremos nas diversas pesquisas realizadas anteriormente a este estudo uma expressão de preconceito contra esta comunidade, que hoje é a maior entre as grandes migrações identificadas no Brasil.

Para finalizar, discutiremos o preconceito e seu desenrolar xenofóbico na população paulistana para com a comunidade boliviana. Como essa expressão se apresenta e como é tratada para os paulistanos e bolivianos que residem na cidade de São Paulo.

3 Metodologia

Esta é uma pesquisa de caráter bibliográfico, de análise qualitativa do conteúdo da literatura pesquisada.

Carvalho et al (2004) afirma que,

como técnica, a pesquisa bibliográfica compreende leitura, seleção, fichamento e arquivo dos tópicos de interesse para a pesquisa em pauta, com vistas a conhecer as contribuições científicas que se efetuaram sobre determinado assunto. A principal vantagem desse tipo de pesquisa é que permite ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos mais amplos. (CARVALHO ET AL, 2004, p. 51)

Além disso, há a importância desses estudos para pesquisadores iniciantes, já que a leitura dos referidos textos facilita o alcance do objetivo proposto.

A pesquisa será feita a partir de levantamentos bibliográficos em periódicos brasileiros e latino-americanos sobre a imigração boliviana no Brasil, em especial na cidade de São Paulo. A bibliografia de base será pautada na Teoria Crítica da Sociedade, contando com obras de autores como: Theodor W. Adorno (1955), Walter Benjamin (1928), Max Horkheimer (1932), entre outros.

Para o levantamento atual da situação da imigração boliviana, a pesquisa contará com o acesso de bibliografia oferecida pelo: Ministério de Relações Exteriores; Embaixada Boliviana no Brasil (sede em São Paulo); artigos e jornais oferecidos pela Pastoral do Migrante (São Paulo); jornais da comunidade boliviana do bairro do Pari, localizado na região central de São Paulo, e também de periódicos e sites de pesquisa de artigos acadêmicos, como Scielo.

Há uma preocupação em averiguar a contemporaneidade do tema abordado com a teoria utilizada. Portanto, se faz necessária a análise dos dois temas propostos na pesquisa – imigração e preconceito, pois assim nos aproximaremos da questão do preconceito e como este se apresenta no contexto paulistano.

4 Teoria Crítica da Sociedade

A abordagem utilizada neste trabalho será a Teoria Crítica da Sociedade, que foi elaborada na chamada Escola de Frankfurt. Entre muitos pensadores, há um destaque importante para os pensadores Walter Benjamin (1928), Theodor Wiesengrund-Adorno (1955) e Max Horkheimer (1932).

Sua história começa com a fundação do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, que teve como diretor o pensador Carl Grünberg (1931), que ficou no cargo até 1927. Grünberg (1931), abriu o primeiro número do Arquivo de História do Socialismo e do Movimento Operário, que salientava a necessidade de não obter privilégio para qualquer concepção científica ou opinião de partido. O pensador dizia que qualquer ponto de vista entre os autores prejudicaria os fins críticos da Escola de Frankfurt. (ARANTES, 1999)

No Instituto de Pesquisa Social, Grünberg (1931) se considera um marxista, entendendo esta posição não apenas no sentido político, mas também científico.

...o conceito marxismo servia-lhe para descrição de um sistema econômico, de uma determinada cosmovisão e de um método de pesquisa bem definido. Essa Postura inicial de Grünberg – vinculada a uma escola de pensamento, mas ao mesmo tempo entendendo-a em sua dimensão crítica e como perspectiva aberta – constitui, de modo geral, a tônica do pensamento dos elementos do grupo de Frankfurt. (ARANTES, 1999, p. 5)

Arantes (1999) afirma que entre os escritores e pensadores do Instituto, estavam presentes figuras como: Herbert Marcuse (1933), autor de “Eros e Civilização” e “O Homem Unidimensional”; e Erich Fromm (1930), que se dedicou a estudos de psicologia social, vinculando a psicanálise com as ideias marxistas. Outros autores menos conhecidos compõem a Teoria Crítica da Sociedade, tais como: Siegfried Kracauer (1927), autor de um clássico estudo sobre o cinema alemão e Leo Löwenthal (1926), que se dedicou a reflexões estéticas e de sociologia e arte. Além destes, alguns autores de ciências políticas, como Grossmann (1925) e Pollock (1925), também fizeram parte da Escola de Frankfurt.

Apesar de inúmeros autores contribuírem para o estudo da Teoria Crítica da Sociedade, vamos nos concentrar e aprofundar nos estudos a partir das ideias de Theodor W. Adorno (1955).

Theodor W. Adorno (1955) nasceu em Frankfurt, onde graduou-se em filosofia. Em seguida, se mudou para Viena e estudou composição musical. Em 1932, escreveu o ensaio “A situação Social da Música”, tema de outros importantes estudos, a saber: “Sobre o jazz” (1936); “Sobre o Caráter Fetichista da Música”; “Regressão da Audição” (1938); “Fragmentos sobre Wagner” (1939) e “Sobre Música Popular” (1941).

Com a ascensão nazista em 1933, Adorno (1955) refugiou-se na Inglaterra, onde lecionou na Universidade de Oxford, permanecendo até 1938, quando se mudou para os Estados Unidos da América, onde escreveu, em colaboração com Horkheimer, a obra “Dialético do Iluminismo” (1947). Além disso, Adorno (1955) também realizou um estudo que foi considerado modelo de sociologia empírica: “A Personalidade Autoritária”. Este tratado foi publicado em 1950, ano em que o autor consegue regressar à Frankfurt e reorganizar o Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt. (ARANTES, 1999)

Segundo Arantes (1999), Adorno (1955) considerava que a postura de Benjamin (1928) sobre a função possivelmente revolucionária do cinema era demasiadamente otimista e acabava por desconsiderar elementos fundamentais, que acabam por transformar suas argumentações em conclusões ingênuas. Adorno (1955), embora dependendo em grande parte das contribuições de Benjamin (1928), procura criticar suas teses e mostrar falta de sustentação, na medida em que não trazem o conceito de técnica.

Adorno (1955) afirma que, Benjamin (1928) passou despercebido ao fato de que o conceito de técnica não deve ser pensado de maneira bruta, mas possui uma origem histórica e pode desaparecer.

Ao visarem à produção em série e à homogeneização, as técnicas de reprodução sacrificam a distinção entre o caráter da própria obra de arte e do sistema social. Por conseguinte, se a técnica passa a exercer imenso poder sobre a sociedade, tal ocorre, segundo Adorno, graças, em grande parte, ao fato de que as circunstâncias que favorecem tal poder são arquitetadas pelo poder dos economicamente mais fortes sobre a própria sociedade. Em decorrência, a racionalidade da técnica

identifica-se com a racionalidade do próprio domínio. Essas considerações evidenciariam que não só o cinema, como também o rádio, não devem ser tomados como arte. Segundo Adorno, o fato de não serem mais que negócios basta-lhes como ideologia. Enquanto negócios, seus fins comerciais são realizados por meio de sistemática e programada exploração de bens considerados culturais. Tal exploração, Adorno chama de indústria cultural. (ARANTES, 1999, p. 7)

O termo indústria cultural foi adotado pela primeira vez em 1947, sob a publicação de “Dialética do Iluminismo”, com a colaboração de Horkheimer. Em uma série de conferências, Horkheimer (1932) explica que a expressão “indústria cultural”, visa substituir a chamada “cultura de massa”, já que satisfaz os detentores dos veículos de massa. O termo “cultura de massa” seria empregado para dar a entender que esta é uma nova cultura, revolucionária, surgindo das próprias massas.

Arantes (1999) sustenta que Adorno (1955) diverge da interpretação feita por Horkheimer (1932)

... a indústria cultural, ao aspirar à integração vertical de seus consumidores, não apenas adapta seus produtos ao consumo das massas, mas, em larga medida, determina o próprio consumo. Interessada nos homens apenas enquanto consumidores ou empregados, a indústria cultural reduz a humanidade, em seu conjunto, assim como cada um de seus elementos, às condições que representam seus interesses. A indústria cultural traz em seu bojo todos os elementos característicos do mundo industrial moderno e nele exerce um papel específico, qual seja, o de portadora da ideologia dominante, a qual outorga sentido a todo o sistema. Aliada à ideologia capitalista, e sua cúmplice, a indústria cultural contribui eficazmente para falsificar as relações entre os homens, bem como dos homens com a natureza, de tal forma que o resultado final constitui uma espécie de anti-iluminismo. Considerando-se que o iluminismo tem como finalidade libertar os homens do medo, tornando-os senhores e liberando o mundo da magia e do mito, e admitindo-se que essa finalidade pode ser atingida por meio da ciência e da tecnologia, tudo levaria a crer que o iluminismo instauraria o poder do homem sobre a ciência e a técnica. Mas ao invés disso, liberto do medo mágico, o homem tornou-se vítima de novo engodo: o progresso da dominação técnica. Esse progresso transformou-se em poderoso instrumento utilizado pela indústria cultural para conter o desenvolvimento da consciência das massas. A indústria cultural, nas palavras do próprio Adorno, impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente.” (ARANTES, 1999, p. 8)

Ou seja, o ócio do homem torna-se uma ferramenta utilizado pela indústria cultural com a finalidade de mecanizá-lo, de modo que, sob o capitalismo, a diversão torna-se um prolongamento do trabalho.

Adorno (1962) afirma que a diversão é procurada por aqueles que desejam fugir do processo mecanizado de trabalho, para que possam, novamente, colocarem-nos nas mesmas condições de trabalho.

A indústria cultural cria “necessidades” ao consumidor e organiza-se para que ele se contente na condição de consumidor, sem qualquer possibilidade ou motivação para ascender, isso quer dizer que ele é apenas mais um objeto no sistema. Segundo o pensamento de Adorno (1955), o universo social configura-se como um universo de “coisas”, onde todas as tentativas de libertação estão condenadas ao fracasso.

Apesar deste modo de pensar, o referido autor não mostra uma visão totalmente pessimista e em sua obra intitulada “Teoria Estética” (1969) indica que há um caminho possível e positivo para se trilhar. Esta obra contém a oscilação do autor entre a incapacidade de produção de arte após a experiência dos campos de concentração na Europa nazista e a possibilidade de buscar nela um refúgio para o trágico.

A violência que há anos podia parecer legítima àqueles que nutrissem a esperança abstrata e a ilusão de uma transformação total está, após a experiência do nazismo e do horror stalinista, inextricavelmente imbricada naquilo que deveria ser modificado: ou a humanidade renuncia à violência da lei de talião, ou a pretendida práxis política radical renova o terror do passado. (ARANTES, 1999, p. 10)

Arantes (1999) finaliza sua análise afirmando que:

criticando a práxis brutal da sobrevivência, a obra de arte, para Adorno, apresenta-se, socialmente, como antítese da sociedade, cujas antinomias e antagonismos nela reaparecem como problemas internos de sua forma. Entre autor, obra e público, a obra adquire prioridade epistemológica, afirmando-se como ente autônomo. Esse duplo caráter vincula-se à própria natureza desdobrada da arte, que se constitui como aparência. Ela é aparência por sua diferença em relação à realidade, pelo caráter aparente da realidade que pretende retratar, pelo caráter aparente do espírito do qual ela é uma manifestação; a arte é até mesmo aparência de si própria na medida em que pretende ser o que não pode ser: algo perfeito num mundo imperfeito, por

se apresentar como um ente definitivo, quando na verdade é algo feito e tornado como é. (ARANTES, 1999, p. 11)

5 O movimento migratório no Brasil

Vivemos em um momento que os deslocamentos são tão frequentes que são uma característica da humanidade pós-moderna. Pessoas de diversas origens constituem espaços com culturas também diversas. (DANTAS et al, 2010)

Dantas et al (2010) afirma que com os avanços tecnológicos inegáveis, em vinte e quatro horas podemos nos locomover para o outro lado do mundo. Esses avanços podem ser utilizados para o bem da sociedade, como também para disseminar o conhecimento de uma nação e outra em questão de segundos. Os deslocamentos de uma determinada sociedade para outros países não se configuram como movimentos diferentes.

A migração demanda uma série de novas adaptações e identificações, que por sua vez, caracterizam mudanças na identidade do migrante. Essas diversas mudanças nos hábitos e na própria visão de mundo, muitas vezes impossibilitam que o migrante retorne ao seu país de origem, por não conseguir voltar a se identificar com a cultura primária após tantas mudanças. O inverso também pode ocorrer, deste modo o migrante não conseguiria se identificar e se adaptar com o novo país, impossibilitando uma mudança na identidade, tão necessária para a adaptação às novas culturas, de modo a não perder hábitos anteriores. (DANTAS et al, 2010)

As mudanças sociais, econômicas, políticas, culturais e demográficas que ocorreram no final do século XX e no início do século XXI permitiram uma forte transformação no âmbito das imigrações da América Latina. Isso não foi diferente no Brasil. (BAENINGER, 2012)

Como explicam Sassen (1988) e Baeninger (2012), as reestruturações das formas de produção implicam em um deslocamento do capital e da população para diversas partes do mundo.

As novas modalidades da imigração internacional representam, no cenário da globalização, a intensificação dos fluxos de capital, as transformações tecnológicas, a compressão do espaço e do tempo, a nova conformação da hierarquia urbana internacional, a consolidação de redes de lugares e dos lugares de redes, a diversidade dos deslocamentos populacionais; todos esses fenômenos definem e redefinem os espaços transnacionais. Assim, a importância do fenômeno migratório internacional reside hoje muito mais em suas especificidades, em suas diferentes intensidades e espacialidades e em seus impactos

diferenciados (particularmente ao nível local) do que no volume de imigrantes envolvidos nos deslocamentos populacionais. Traço característico da imigração estrangeira no cenário da globalização é a condição de indocumentados desses imigrantes, tornando ainda mais difícil a mensuração desses fluxos. As diferentes formas de mobilidade espacial da população no mundo pós-moderno pressupõem a diversificação dos movimentos migratórios internacionais, onde ganha importância o significado desses fluxos no contexto da inserção de cada país de origem e de destino no atual processo de reestruturação econômica internacional. (BAENINGER, 2012, p. 84)

Baeninger (2012) afirma que, analisando os movimentos migratórios internacionais na América Latina e no Caribe, o Brasil tem a quarta maior população de estrangeiros. Com a inserção do Brasil nas rotas das migrações internacionais latino-americanas, há a percepção de que o país tem se caracterizado como área de expansão das migrações latino-americanas, seja entre casos fronteiriços, como é o caso dos países que fazem fronteira geográfica com o Brasil, como os que não fazem.

6 O Preconceito

O tema preconceito é indubitavelmente agregado a todos nós, pois de uma forma ou de outra, estamos em constante paralelo com este assunto, seja porque vivenciamos ele todos os dias, ou por observação do preconceito que diariamente está presente em nossa sociedade.

A reflexão sobre este tema tão complexo só será possível quando pudermos reconhecer em nós a violência que encontramos e criticamos nos outros. Por este motivo, o principal objetivo deste trabalho é refletir acerca do sofrimento e violência causados pelo preconceito e, assim, possibilitar que essa questão tão explícita e, paradoxalmente, calada em nossa sociedade tenha uma visibilidade maior e traga elementos para que futuros pesquisadores possam se questionar a acerca dessa problemática.

Sobre o uso da Teoria Crítica como abordagem, Crochik (1997) pontua que

efetivamente, a abordagem que adotamos não é a que se caracteriza por uma tentativa de exaurir o problema e nem pela segurança que pode prescindir da dúvida, pois desconfiamos que a ausência da hesitação colabore para a fixação do objeto do preconceito. Tentamos nos aproximar de nosso objeto procurando ver nele, e a partir dele, aquilo que externamente é invisível e aponta para o nosso mundo interno. Ao mesmo tempo, procuramos visualizar neste último aquilo que é de fora, mas que julgamos ser produto nosso. (CROCHIK, 1997, p. 9)

Nos dias de hoje, onde as relações estão cada vez mais superficiais devido aos atributos trazidos pela tecnologia e mídia. Muitas questões como a violência, o preconceito e o sofrimento tornaram-nos imunes à esses próprios fenômenos, de modo que são naturalizados e só a reflexão pode nos trazer à tona tudo o que ignoramos ao nosso redor. A reflexão só pode se concretizar através do estudo desses conceitos assinalados por Chocrik (1997)

Justificar a necessidade de estudar o preconceito poderia ocultar a mesma violência que o gera: a frieza da qual temos que nos valer para viver em nosso tempo. Assim, só nos cabe dizer que procuramos transmitir o que pudemos apreender dele, sem utilizar fórmulas que contribuam para o estereótipo e sem julgar preconcebidamente a possibilidade de o leitor entender o que se escreveu, mas conscientes de que as próprias palavras têm o poder de aprisionar o objeto de que falam, assim como de libertá-lo. E foi neste movimento ambíguo que as palavras têm

sobre o objeto que pudemos pensar a ambiguidade do preconceito, do preconceituoso e da nossa cultura. Reconhecer esta ambiguidade da palavra como característica do indivíduo que a usa como a possibilidade de se captar adequadamente a realidade de nossa época, que se expressa como uma dor que se deve ocultar, poderia a nosso ver levar à percepção desta dor, percepção está ausente no indivíduo predisposto ao preconceito. Não se pretendeu fazer a apologia desta dor, ou considera-la uma condição existencial, o que poderia justificar o sofrimento, mas compreendê-la para que possa ser enfrentada. Através da atitude de compreensão, procuramos não assumir também uma atitude complacente, de perdão, posto que o sofrimento das vítimas não deve ser perdoado, sem que isso signifique que o agressor seja o único culpado, mas, menos ainda, que a vítima tenha alguma responsabilidade pela violência que recai sobre ela. (Crochik, 1997, p.10)

Para compreender o preconceito é necessário recorrer a mais de uma área do saber. Entendendo, primeiramente, que a psicologia não dará conta de um fenômeno tão complexo como este. É observado que fatores psicológicos podem levar um indivíduo a ser ou não preconceituoso, mas o processo de socialização do indivíduo é essencial para a compreensão deste conceito. O indivíduo nasce e se transforma dentro de uma cultura que prega o preconceito de maneira, muitas vezes, homeopática, tornando-o um fenômeno banalizado.

O processo de socialização, por sua vez, só pode ser entendido como fruto da cultura e de sua história, o que significa que varia historicamente dentro da mesma cultura e em culturas diferentes. Como tanto o processo de se tornar indivíduo, que envolve a socialização, quanto o do desenvolvimento da cultura têm se dado em função da adaptação à luta pela sobrevivência, o preconceito surge como resposta aos conflitos presentes nesta luta. (CROCHIK, 1997, p. 11)

Atribuindo um processo de identificação e aversão no processo de socialização, é necessário notar que o objeto do preconceito nasce quando um indivíduo entende que outro indivíduo ou objeto não faz parte do mesmo conteúdo cultural que o mesmo, e não há uma maneira de neutralizar ou incorporar, já que toda a cultura é formada de um modo que não permite que o diferente faça parte da mesma. Isso nos confirma que o preconceito diz mais sobre o preconceituoso do que sobre o objeto que este fenômeno recai, como nos confirma Crochik (1997):

...o preconceito, ao mesmo tempo que diz mais do preconceituoso do que do alvo do preconceito, não é totalmente independente deste último. Não se pode por isso estabelecer um conceito unitário de preconceito, pois este tem aspectos constantes, que dizem respeito a uma conduta rígida frente a diversos objetos, e aspectos variáveis, que remetem às necessidades específicas do preconceituoso, sendo representadas nos conteúdos distintos atribuídos aos objetos. (CROCHIK, 1997, p. 12)

Se o processo de socialização não é feito apenas pelo próprio indivíduo, mas por sua participação na cultura, notamos que os conteúdos deste processo pertencem à sua própria construção cultural e que, então, a relação que o indivíduo faz com a sociedade é através da mediação entre a cultura e seus conteúdos. Isto quer dizer, que inevitavelmente não existe indivíduo sem cultura, e vice-versa.

Em uma sociedade preconceituosa que reproduz e naturaliza este ato através das gerações, deve-se tomar cuidado com o processo de individualização do sujeito, onde ele aceita e rejeita conteúdos de sua própria cultura. Crochik (1997) enfatiza que

quando o indivíduo não pode dela diferenciar-se, por demasiada identificação, torna-se o seu reproduzidor, sem representar ou expressar críticas que permitiriam modifica-la, tornando-a mais justa; se o indivíduo somente contrapõe-se a ela, não se reconhecendo nela, coloca a própria possibilidade da cultura em risco. (CROCHIK, 1997, p. 13)

Quanto ao preconceito demonstrado na forma de xenofobia, Eerola (2005) aponta que

a ditadura militar no Brasil (1964-1985) foi um campo fértil para xenofobias, preconceitos e estigmas de toda ordem, produzindo uma série de categorizações e rótulos neles baseadas. O período ditatorial foi também uma época de estagnação política e cultural, mesmo que o estilo Música Popular Brasileira (MPB) teve a sua origem e apogeu durante este período. Com a abertura democrática, a partir de 1975, novos ventos começaram a soprar. Políticos e músicos refugiados retornaram ao país com a anistia em 1978. Como consequência da nova atmosfera, liberdade e efervescência cultural, o rock brasileiro (re)surgiu no início da década de 1980. Este trouxe questionamentos, novos valores e estilos de se vestir, agir e pensar. (EEROLA, 2005, p. 6)

A xenofobia é presente explicitamente no Brasil há pelo menos cinquenta anos. É necessário que haja reflexão sobre o tema para que não ignoremos nossa cultura com nosso próprio comportamento preconceituoso, já que somos todos latino-americanos.

Há a necessidade de explicitar neste capítulo a diferença entre estereótipo e preconceito. O preconceito, para Crochik (1997) é uma reação de ordem individual, enquanto o estereótipo é um produto cultural, que se relaciona diretamente com o primeiro. O preconceito reflete um mecanismo do indivíduo que pretende defender-se de uma ameaça – imaginária -, obtendo assim uma visão falsa da realidade. O indivíduo não “consegue” enxergar a realidade concreta, onde contém elementos que para ele são ocultos, e assim os expõe ou destrói de suas relações. Desta forma, quanto maior a necessidade e o desejo de se identificar com a vítima do preconceito, mais este mecanismo tem de ser fortalecido internamente. (CROCHIK, 1997)

Os estereótipos são alimentados por uma cultura que necessita de definições oferecidas por suas agências de controle da sociedade, tais como: escolas, igrejas, meios de comunicação entre outros. Essas definições não contam com a dúvida ou o questionamento e por isso reproduz os estereótipos, como forma de controle de extinção do que elimina a certeza e a verdade absoluta. (CROCHIK, 1997)

Crochik (1997) afirma que o preconceito é um fenômeno identificado há muito tempo, mas que foi passando por mudanças sociais e históricas. O movimento da cultura pós-moderna de combater qualquer possibilidade de medo ou de desconhecido combate contra um movimento que busca traduzir, compreender e incluir as consideradas ameaças. De uma forma, a nossa cultura é uma cultura que luta contra a ignorância, mas que necessita deste movimento da ignorância para poder existir, o que faz com que o preconceito seja sempre multiplicado e regenerado.

Existe outro termo proposto por Crochik (1997) que pode ser usado como sinônimo de estereótipo: “preconceitos culturais”. O preconceito de origem cultural é um modo de justificativa da dominação da cultura sobre o indivíduo, de modo que este deixa imposto que o indivíduo é conformado à cultura, formando

assim, uma sociedade totalitária e sem nenhuma abertura para transformações. (CROCHIK, 1997)

Segundo Crochik (1997), toda sociedade que exige sacrifícios para a sua manutenção e que não se movimenta para criar políticas públicas que visem os direitos fundamentais de todos os cidadãos, acaba se constituindo de forma presa à ideologia imposta.

Sob a defesa dos valores introjetados de forma irracional encontram-se, simultaneamente, o medo e a necessidade devida ao sentimento de desamparo, de fragilidade. Não é casual que o preconceito, em geral, se volte contra o mais frágil e que o objeto do preconceito, por vezes, introjete a debilidade que lhe imputam. (CROCHIK, 1997, p. 35)

Por outro lado, é importante identificar e explicitar neste capítulo que não existe apenas o lado regressivo da cultura, já que o progresso e a luta por uma vida digna são bastante visíveis (CROCHIK, 1997). A cultura tem como objetivo básico lutar contra a resignação e, diante disso, não aceitar as limitações humanas que existem em todos os homens, sejam os preconceituosos ou suas vítimas. (CROCHIK, 1997)

Os movimentos de controle de massa, não é tão empenhado em desconstruir os preconceitos aos considerados excluídos e o desenvolvimento da tecnologia e ciência permite que haja a construção de aparelhos que proporcionam uma vida saudável àqueles considerados excluídos. (CROCHIK, 1997)

É progressivo, também que a educação e o mercado de trabalho mostrem algumas iniciativas, ainda que tímidas, para a inclusão [...]. E que na Constituição de alguns países, entre eles o Brasil, proíba-se a discriminação de qualquer tipo. Tudo isso diz respeito aos direitos sociais, mas há também uma longa lista referente ao desenvolvimento tecnológico que permite ao homem uma vida mais livre e confortável. (CROCHIK, 1997, p. 131)

Adorno (1973) aponta que o preconceito é fruto de motivações inconscientes, as ações culturais que vão na contracorrente ficam na consciência, porém não o elimina. Mesmo assim, Crochik (1997) afirma que o procedimento de combate ao preconceito deve ser combatido.

Segundo Alves (2012), as atitudes preconceituosas voltadas à indivíduos com culturas diferentes das da cidade de São Paulo, são quase inevitáveis. As atitudes discriminatórias, provenientes do preconceito são direcionadas à indivíduos, culturas, lugares e tradições (ALVES 2012)

Na pesquisa de Alves (2012), há uma frase generalizadora voltada à comunidade boliviana produzida por um de seus entrevistados que se apresenta da seguinte maneira: “Todos os bolivianos são sujos, traficantes e ladrões!” (página 232). Para Alves (2012) há uma constância nestas atitudes discriminatórias quando há o encontro de diferentes indivíduos e culturas. Aquele que é visto como desconhecido causa medo e passa a impressão de alguém que deve ser evitado.

A comunidade boliviana e tantos outros imigrantes e migrantes estão presentes e inseridos em todos os locais da cidade de São Paulo e negar ou tentar excluir essas pessoas é crueldade e ingenuidade afirma Alves (2012).

Segundo os dados apontados pela pesquisa de Alves (2012), a imagem que os paulistanos têm dos bolivianos é muito negativa, constantemente associados à permanência do trabalho escravo na cidade e ao tráfico de mão-de-obra.

O preconceito voltado ao boliviano está na denominação de imigrante, que ocupa um lugar no imaginário social de inferioridade, porém o sistema esquece que a frequência da imigração, migração e dos diferentes fenômenos culturais são decisivos para a cultura paulistana. (ALVES, 2012)

7 Bolívia em São Paulo: A cultura andina e suas manifestações

A imigração boliviana torna-se cada vez mais frequente em nossa sociedade, e está ligada à possibilidade de conhecer novas culturas e, sem dúvidas, melhores condições de vidas para si e seus pares. Neste capítulo procuramos trabalhar a situação em que os imigrantes vindos da Bolívia se mostram no contexto paulistano, desde suas origens até as condições de vida que vivem aqui. Abordaremos essa questão explicitando a condição de preconceito que muitos sofrem.

Se no passado os imigrantes eram bem-vindos, seja para substituir a mão-de-obra escrava ou para branquear a nação brasileira, hoje eles são aceitos com reservas e, muitas vezes, rechaçados antes mesmo de chegarem ao seu destino final, como se fossem possíveis criminosos. Porém, eles têm algo em comum: acalentam o sonho de uma vida digna para os seus filhos, ainda que seja numa pátria estrangeira e às vezes em condições adversas. (SILVA, 2005, p. 2)

A Bolívia é um país situado na América Latina central que, como todos os outros países latino-americanos teve um período de ditadura militar (1964-1982), sofreu com a luta territorial e apresenta até hoje uma diferença de classes, que faz com que a minoria seja beneficiada e a grande maioria viva em más condições e, muitas vezes, para o benefício da minoria exploradora. Há anos presenciamos a imigração de povos deste país para inúmeras cidades brasileiras, mas a maioria encontra-se em São Paulo, onde trabalham em indústrias têxteis e em trabalhos que têm condição análoga à escravidão.

... a longa história de concentração de terra, a dependência dos preços voláteis para as suas exportações de minerais e os períodos de hiperinflação, contribuíram para manter a Bolívia entre os países da América Latina que apresentam índices mais baixos de desenvolvimento humano (IDH). Entretanto, se observarmos um outro índice, o da exclusão social (IES), que procura incorporar outras dimensões da vida humana, como vida digna, conhecimento e vulnerabilidade, a Bolívia encontra-se melhor colocada em relação ao Brasil, no que diz respeito à desigualdade e ao acesso ao ensino superior. [...] Apesar deste índice, a baixa renda per capita dos bolivianos, a qual gira em torno de 880 dólares por ano, é responsável pelo alto nível de pobreza no país, atingindo 64% da população total, situação que contribui para que a Bolívia tenha ainda uma das mais altas taxas de mortalidade infantil da América Latina. Tais indicadores, combinados com a falta de perspectivas, são as razões pelas quais milhares deles deixam a Bolívia todos os

anos, em busca de melhores oportunidades de trabalho em outros países. (SILVA, 2005, p. 8)

As migrações internacionais na Bolívia não são movimentos contemporâneos, mas há um fluxo intenso e diversificado quanto ao destino da migração a partir da década de 1980. (XAVIER, 2010) Segundo Domenech e Gordonava (2009), 20% da população boliviana se encontra fora do país, além disso, a Bolívia nunca se constituiu como um país atrativo para a imigração, apesar de constantes esforços das políticas migratórias

As políticas migratórias bolivianas tornaram a Bolívia um país contrário ao desejo de imigração da população (Domenech e Magliano, 2007), já que buscaram punir a população migratória, que buscaram se destinar aos outros países, em um momento de perda demográfica. (Xavier, 2010)

Segundo Mazurek (2007):

...os fluxos com origem na Bolívia e destino ao exterior podem ser divididos em: migrações de caráter definitivo para países como Estados Unidos ou Espanha, Japão e Israel e migração “sazonal” e histórica para países vizinhos, como Argentina e Chile, dentre os quais o autor inclui o Brasil. Certamente, esses fluxos sofreram modificações ao longo do tempo, adquirindo formas e volumes diferenciados. Mesmo a migração à Argentina, destino mais tradicional, experimentou crescimentos e inflexões, tendo também passado por modalidades migratórias distintas, como a passagem de uma migração de fronteira para destinos metropolitanos, como mostramos adiante. (MAZUREK, 2007, p. 13)

As lógicas migratórias que permeiam a Bolívia nos dias de hoje são relacionadas a movimentos anteriores à colonização deste país (MAZUREK, 2007) e estão ligadas às origens culturais, sobretudo andinas. (GORDONAVA et al, 2008) Segundo Mazurek (2007) e Gordonava (2008) existem raízes tradicionais e culturais entre os bolivianos e andinos que permeiam seus modos de vida, incluindo a organização e reprodução dos processos migratórios.

Para Xavier (2010),

o ponto de partida dessa perspectiva é, quase sempre, o modelo socioespacial do “arquipélago vertical” e a teoria do “controle vertical de um máximo de pisos ecológicos”, de J. Murra (1975), antropólogo norte-americano criador da escola etnológica andina. De acordo com essa teoria, na época pré-hispânica, as distintas culturas da “civilização andina” eram caracterizadas por uma organização social e territorial baseada em uma imigração temporal e circulação permanente entre os diferentes pisos ecológicos da região, o que garantia a segurança alimentar por meio da complementariedade agrário-ecológica desses diferentes ecossistemas. As abruptas variações altitudinais e climáticas da região permitiam à população nativa, portanto, diversificar sua base de recursos, sendo as migrações temporais um meio primordial para tal (Aramburú, 1986). O sistema de “controle” desses vários pisos ecológicos era viabilizado pela dispersão de membros do grupo familiar entre os diferentes espaços, combinada com os distintos períodos do calendário agrícola, marcando a importância dos laços de parentesco. (XAVIER, 2010, p. 14)

Para Mazurek (2007), uma tendência acadêmica pautou uma referência de interpretação de cultura entendendo que as migrações bolivianas, do passado ou no presente, são baseadas nessa tradição migratória. Ainda segundo Gordonava (2008), as lógicas migratórias presentes naquelas sociedades são uma característica da própria existência boliviana e andina:

... [essa mobilidade constitui] um habitus, de uma practica associada a uma comovisión particular, de um saber de vida que permitia uma mejor y más sostenible utilización de los recursos naturales; no ya para la “sobrevivência” de uma família, sino para vida y reproducción de toda uma comunidade\sociedad. (GORDONAVA, 2008. p. 78)

Domenech e Magliano (2007) afirmam que é muito importante atentar ao fato de que, mesmo com essa tradição, a migração na Bolívia vem se transformando em uma realidade estrutural.

Para Silva (1999), os anos de 1950 foram marcantes para a grande chegada de imigrantes na cidade de São Paulo, já que muitos vinham como intercâmbio e também por fuga política. A partir de 1980, é possível notar um aumento de bolivianos em São Paulo. A maioria deste com escolaridade baixa que vinham em busca de trabalho, isto se dá em razão

à crise econômica boliviana que privatizou o setor mineiro, provocando demissões em massa.

Segundo Silva (2006) e Alves (2012), o trabalho na Bolívia é escasso e sem possibilidade de ascensão. Cerca de 70% da população boliviana vive na economia informal, vivendo através da falta de emprego, moradia, saúde e educação.

Diante da crise, a possibilidade de migração para o Brasil aparece como uma grande fantasia, já que a realidade se mostra bastante diferente. As fábricas de tecelagens funcionam irregularmente e o dono submete os imigrantes a um regime análogo à escravidão. (ALVES, 2012) Além disso, as oficinas funcionam muito mais do que um local de trabalho, já que é lá que as refeições são feitas e, sob ameaças, os trabalhadores são impedidos de sair para a rua, já que a questão da ilegalidade e a inexistência de documentos é uma realidade para eles (ALVES, 2012).

Segundo Alves (2012), O primeiro local conhecido de encontro dos bolivianos em São Paulo acontecia na Praça Padre Bento, no bairro do Pari, onde havia muitas ofertas de emprego nas confecções. Os encontros, com elevados números de pessoas, funcionavam com música, comidas típicas, paqueras e festas e, devido ao barulho, os moradores paulistanos da região assinaram um abaixo-assinado que proibiu a presença dos imigrantes naquele local.

Em 2002, a Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Boliviana Padre Bento foi regularizada pelos feirantes do bairro do Pari. A feira e a praça contribuem para reforçar a identidade dos bolivianos na cidade, mas também exacerba os preconceitos, já que, devido à história do Brasil fortalecer laços com países europeus e norte-americanos, a cultura latino-americano é vista como inferior aos olhos do paulistano. (ALVES, 2012)

Segundo relatos destacados nos estudos anteriores de Vidal (2012), Simai (2012) e Baeninger (2012), o paulistano possui uma fluidez na relação com o imigrante boliviano, mas carrega a imagem da pobreza econômica e cultural junto com esta relação.

8 Discussão e Análise

Na maioria dos bairros da cidade de São Paulo em que imigrantes e brasileiros convivem, é possível perceber uma superficialidade sem muitos conflitos na relação entre estes dois povos. (VIDAL, 2012). Isso não quer dizer que o imaginário social do paulistano não carregue uma imagem negativa sobre os bolivianos que vivem aqui. Um exemplo disso, é a negação de xenofobia e preconceito que existe na relação.

Vidal (2012) afirma que os bolivianos frequentemente fazem uma comparação do tratamento do brasileiro com o do argentino. Segundo a comunidade boliviana entrevistada, os argentinos percebem uma diferença étnica e cultural e acaba inferiorizando o migrante boliviano de forma aberta.

Já no Brasil há uma relação que não permite muita profundidade, já que frequentemente há o obstáculo do trabalho árduo e do idioma. (VIDAL, 2012). Apesar disso, brasileiros relatam que os bolivianos são pessoas quietas e que não atrapalham, exceto nos finais de semana quando eles fazem as festas e bebem, cultuando e relembando a Bolívia (VIDAL, 2012).

O paulistano é bastante marcado pela descendência europeia, entre tantas outras. Mas, pelas relações governamentais, estatais e econômicas, este sempre exalta a ascendência europeia, o que acaba inferiorizando – mesmo que em um nível inconsciente – outras culturas.

A negação é um mecanismo que impede que qualquer fala ou comportamento que abale a moral seja pronunciado de maneira explícita (FREUD, 1950). E este mecanismo é bastante frequente na relação do paulistano, ou do brasileiro que mora na cidade de São Paulo, para com o imigrante boliviano.

Segundo as pesquisas, não há qualquer incômodo desde que não haja um atravessamento negativo nesta relação. A relação com o imigrante boliviano permite essa negação e este velamento xenofóbico, pois suas relações são, em sua grande maioria, com outros imigrantes bolivianos. E suas atividades econômicas não influenciam a economia brasileira, já que os brasileiros

frequentemente associam as atividades dos bolivianos com o trabalho escravo (VIDAL, 2012), o que não causa uma competitividade.

Esta pesquisa não tem o objetivo de concluir o questionamento proposto no início, mas sim propõe ampliar os estudos e pensar novas formas de interações que permitam que o imigrante seja pertencente também da cidade de São Paulo, já que este mora aqui, contribuindo culturalmente e de diversas outras maneiras.

Como dito anteriormente por Crochik (1997) e Adorno (1973), o preconceito não é marcado apenas por comportamentos ou discursos explícitos que inferiorizam ou ferem pessoas consideradas distintas. Diferente disto, há também a forma velada de preconceito que é passada através de distanciamentos das pessoas que não preenchem os requisitos que a sociedade imperialista aprova. O preconceito e seu desenrolar xenofóbico destroem qualquer forma de relação genuína entre povos de culturas diferentes, marcando a sociedade com violência e um segregacionismo velado, contribuindo na legitimação de uma sociedade separatista e excludente.

Há um objetivo claro da autora e da pesquisa de marcar o quão importante é manejar e informar a sociedade para que esses comportamentos e discursos sejam desconstruídos, tanto para a contribuição de uma sociedade igualitária como para a erradicação da xenofobia e outras formas de preconceitos.

Diante de inúmeras manifestações públicas de cultura e trabalho, pensamos que a comunidade boliviana já deveria ter se apropriado da cidade de São Paulo, pois é inegável a contribuição e pertencimento desta comunidade na metrópole. Porém o preconceito existente contra esta população ainda é velado, porém sentido por estes que sofrem com esta forma de violência.

A explicação do preconceito voltado ao migrante é base para essa discussão, já que a denominação migrante caracteriza-o como um estranho e, assim, não pode fazer parte da sociedade que necessita desta lógica de exclusão para continuar sobrevivendo.

Com todas as formas de preconceito que nos são introduzidas através da mídia e da comunicação em massa, é importante estabelecer que esta prática não é eliminada com o tempo, já que está no imaginário social do paulistano, ou

de qualquer outra sociedade. É preciso, com o auxílio dos estudos posteriores e dos que virão, pensar em ações e intervenções para que a sociedade possa ser igualitária, como idealizada pela autora que vos relata. Intervenções estas que são possíveis sendo trabalhadas desde a educação de base, para que a inclusão seja praticada de forma automática. Sobre a urgência dessas intervenções, Debieux (2009) relata

essa condição de imigrante e de refugiado propicia, sem dúvida – e é o que observamos –, toda sorte de manipulações e abusos. A questão política se destaca, pois as pessoas que estão em situação irregular, não documentadas, são levadas a agir respondendo à urgência. Pressionado, desenraizado, o sujeito deixa-se emaranhar nas garras do instantâneo, do reagir em vez do agir. Então o perdido torna-se um obstáculo e cristaliza-se, seja numa emissão de documentos, em empregos precários, casamentos arranjados, em filhos gerados para legalização, estratégias que supostamente decidiriam a posição do sujeito. No caso do refugiado, a emissão de um documento situa-o na condição de “protegido”, o que nem sempre corresponde à realidade do fato, pois, na maioria das vezes, o país o recebe, mas não lhe oferece meios para a sobrevivência econômica. (DEBIEUX, 2009, p. 450)

Projetos de acolhimento social como a Casa do Migrante são essenciais neste processo de inclusão, mas não é o suficiente. É necessária uma educação para a população que acolhe estes migrantes, no sentido de permitir uma relação de igualdade. Muitos paulistanos são descendentes de migrantes, mas a desigualdade entre países, já que os migrantes do passado muitas vezes vinham da Europa e eram brancos, faz com que haja um sentimento de inferioridade para com esses novos moradores do mesmo espaço, que vêm de continentes como a América, África e Ásia.

É impossível que o recorte de classe e raça não seja colocado nesta pesquisa, já que esta é uma das fontes do preconceito estabelecido na cidade de São Paulo contra a população migrante.

9 Considerações Finais

A partir da pesquisa, foi possível descobrir uma imensidão de formas que a Psicologia pode intervir quanto à questão da imigração e ao bem-estar social e psíquico do migrante.

Durante a realização do trabalho, houve um enriquecimento da experiência de levantamento de pesquisas, de aproximação de serviços oferecidos aos migrantes e às possibilidades de inclusão desta população na cidade de São Paulo.

Essa se tornou uma questão ímpar para o meu trabalho como futura psicóloga, já que quero estabelecer intervenções com a população estudada neste trabalho, ampliando para além da população boliviana.

A aproximação nos serviços me deixou à par de um caso específico em que uma migrante boliviana me contou sobre sua experiência em São Paulo, desde o trabalho escravo até a atual situação de violência doméstica que vive com seu marido, que fora empregador da mesma. Sem especificações que podem expor a mesma, há uma urgência quanto à necessidade de estudos, pesquisas e intervenções para a população imigrante, pois são vistos pelos paulistanos como um “ser” indesejado e inferior, ou seja, como alguém que não cabe no mesmo espaço.

É importante deixar claro que todos fazem parte de todos os lugares, sejam por quaisquer questões. O sistema atual mundial nos faz crer que quando há migração há desvalorização do espaço, diminuição de empregos e outras coisas que, disfarçados por outros nomes, podem se traduzir como preconceito.

10 Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. Bajo el signo de los astros. In: *Escritos Sociológicos II*, vol. 2, Ed. Akal - Madrid, 2011.

ADORNO, Theodor W. Culpa y represión. In: *Escritos Sociológicos II*, vol. 2, Ed. Akal - Madrid, 2011.

ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. Ed. São Paulo: Zahar, 2009.

ADORNO, Theodor W. et al. *La personalidad autoritária*. Ed. Buenos Aires: Proyección, 1965.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Ed. São Paulo: Zahar, 2006.

AURÉLIO, Dicionário. *Preconceito*. Disponível em: <<http://dicionariodoaurelio.com/preconceito>>. Acesso em: 2015.

BAENINGER, Rosana. São Paulo e suas migrações no final do século 20. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 19, n. 3, jul/set, 2005.

BAENINGER, Rosana (org.). *Imigração Boliviana no Brasil*. Ed. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

CACCIAMALI, Maria C.; AZEVEDO, Flávio A. G.. Entre o tráfico humano e a opção da mobilidade social: os imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo. *Cadernos PROLAM/USP*, São Paulo, v. 1, ano 5, p. 129-143, 2006.

CROCHIK, José Leon. *Preconceito, indivíduo e cultura*. Ed. São Paulo: Robe, 1997.

DEBIAGGI, Sylvia D.; PAIVA, Geraldo J. *Psicologia e/imigração e cultura*. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

EEROLA, Toni. “Te Chamam de Ladrão, de Bicha, Maconheiro...”: Preconceito, Xenofobia e a Categorização do “Estranho” na Cultura Brasileira. In: *Revista Xaman*. Florianópolis, 2005.

GAINZA, Patrícia P. *Políticas migratorias e integración en América del Sur Realidad del acceso a derechos políticos, económicos, sociales y culturales de las personas migrantes*. Ed. Espacio Sin Fronteras. São Paulo: Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante (CDHIC), 2013.

HOMERO (1978). *Odisséia*. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

JUNIOR, Nivaldo; OLIVEIRA, Rute L. S.; JESUS, Christiane H.; LUPPI, Carla G.. Migração, exclusão social e serviços de saúde: o caso da população boliviana no centro da cidade de São Paulo. *SUS: Mosaico de Inclusões*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 177-181, 2011.

PATARRA, Neide L.; BAENINGER, Rosana. Mobilidade espacial da população no Mercosul: metrópoles e fronteiras. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 21, n. 60, fev, 2006.

PATARRA, Neide L. MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS DE E PARA O BRASIL CONTEMPORÂNEO volumes, fluxos, significados e políticas. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 23-33, jul/set. 2005.

PATARRA, Neide L. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 20, n. 57, mai/ago, 2006.

PEREIRA, João B. B. Os imigrantes na construção histórica da pluralidade étnica brasileira. *Revista USP*, São Paulo, n. 46, p. 6-29, jun/ago, 2000.

ROSA, Miriam D.; BERTA, Sandra L.; CARIGNATO, Taeco T.; ALENCAR, Sandra. A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 3, set, 2009.

ROSSI, Camila L. *Nas costuras do trabalho escravo: Um olhar sobre os imigrantes bolivianos ilegais que trabalham nas confecções de São Paulo*. São Paulo, 2005. Trabalho de Conclusão de Curso – Escola de Comunicação e Artes, Departamento de Jornalismo e Editoração, Universidade de São Paulo.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

SILVA, Carlos F. *Trabalho informal e redes de subcontratação: Dinâmicas urbanas da indústria de confecções em São Paulo*. São Paulo, 2008. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SILVA, Sidney A. *Bolivianos: A presença da cultura andina*. Ed. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 2005.

SILVA, Sidney A. *Virgem, Mãe, Terra: Festas e tradições bolivianas na metrópole*. Ed. São Paulo: Hucitec-FAPESP, 2003.

SILVA, Sidney A. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 20, n. 57, mai/ago, 2006.

SILVA, Sidney A. A migração dos símbolos diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 19, n. 3, jul/set, 2005.

SILVA, Sidney A. et al. *Migrações na Pan-Amazônia: Fluxos, fronteiras e processos socioculturais*. Ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

TAMBELLINI, Elaine F.; MASCARO, Laura D. M.; SILVA, Uvanderson V.. Inclusão de imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo: algumas estratégias e políticas locais. In: MARSIGLIA, Regina (org.) *Projeto Inclusão Social Urbana: Nós do Centro*. São Paulo, 2009, p.123-168.

VERENHITACH, Gabriela D.; DEITOS, Marc A.; SEITENFUS, Ricardo. O Brasil e a cooperação triangular Sul-Sul para o desenvolvimento: o caso do Haiti. In: I SIMPÓSIO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 2007, São Paulo. *Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas*. São Paulo: 2007.

XAVIER, Iara R. *Projeto migratório e espaço: Os migrantes bolivianos na Região Metropolitana de São Paulo*. Campinas, 2010, 271p. Dissertação de Mestrado - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Departamento de Demografia, Universidade Estadual de Campinas.

WALDMAN, Tatiana C. Movimentos migratórios sob a perspectiva do direito à saúde: imigrantes bolivianas em São Paulo. *Revista de Direito Sanitário*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 90-114, mar/jun, 2011.